

Classe média vai pro inferno

CÉSAR MAIA*

A classe média não tem tido muita sorte na vigência do plano real. E olha que tem aprovado, aplaudido e votado medidas econômicas. É verdade que cada vez com menos entusiasmo. O Ibope de outubro já a colocava majoritariamente na posição de, no mínimo, apreensão. E não foi só porque a redução drástica da inflação não a beneficiou tanto. Afinal, a classe média já vivia com outra moeda sobre a qual incidia a correção monetária. Depois, vieram as medidas de ajuste das empresas e do setor público. E o desemprego desabou sobre a classe média. Os juros altos que acompanharam as medidas durante meses foram ampliando a sua inadimplência. Os profissionais liberais assustavam-se com o tamanho das dívidas de seus clientes. Aí, a classe média sofria nas duas pontas.

Veio a crise da Tailândia, no início de julho. A classe média, com sua poupança nos fundos de ações, lia os jornais com entusiasmo. Os quadros, os artigos e os editoriais mostravam que o Brasil não era a Tailândia. Puxa, que bom! E o dinheirinho foi ficando lá. Atrás da Tailândia, vieram Malásia, Indonésia, até chegar no bolso dos investidores. Principalmente da classe média que, como sempre, entrava no baile quando ele já estava a meio caminho andado. E, então, o governo resolveu defender o real. Os juros foram para a lua e junto com eles a dívida imobiliária, o crédito ao consumidor, os cartões de crédito e tudo mais. Até que o governo anunciou que o país precisava de um ajuste fiscal. A calma voltou a imperar no reino da classe média. Afinal, os juros trariam alguma

recessão e, se manter no emprego era uma questão de competência. Quanto ao ajuste fiscal, iria provavelmente reduzir a gordura do governo.

Mas quando os ministros se levantaram, disseram que tinham compromissos mais importantes e desejaram "boa sorte" com todas as letras, o nervosismo começou a se espalhar na classe média. Será que ia sobrar de novo para ela? Não deu outra. O imposto de renda das pessoas físicas irá aumentar 10% e os descontos serão unificados em 20%. Os incentivos à produção cultural serão reduzidos em 50%, acabando com um mercado que vinha crescendo razoavelmente. As bolsas de estudo serão cortadas e revistas, enterrando uma das poucas alternativas de pesquisa e estudos pós-universitários. Os planos de saúde do setor público terão teto de R\$ 24. A taxa de embarque para o exterior passa de US\$ 18 para US\$ 90. A cota de compra livre de impostos, nos aeroportos, cai de US\$ 500 para US\$ 300. O carrinho fica mais caro: sobe o IPI. E, para os que não pensavam em trocar de carro, a gasolina aumenta. O secretário do ministro disse que era só um "aumentozinho" de 5%, ou seja, mais do que a inflação de todo um ano.

Está prevista a demissão de 33 mil servidores, através de um processo seletivo. Era a chave para se ter certeza de que serão os empregos de nível médio e superior. As gratificações, um dos poucos instrumentos de equalização dos empregos de nível superior com o setor privado, serão restrinidas, cortadas ou reduzidas. E, por fim, as bebidas também ficam mais caras.

Do canto da sala veio um gemido indignado. "E

os especuladores?" A resposta patriótica ouviu-se do outro canto: "Você não lê jornal? Já pagaram com a crise."

Aos poucos, outras vozes foram concordando com a primeira provocação: "As empresas podem fazer os seus ajustes e pelo menos não perder. Mas, e nós? Já tiraram o nosso emprego, público, em nome da reforma do Estado, e privado, em nome da competitividade externa da economia. Aumentaram os juros e viraram caloteiros. Agora, fizeram barba, cabelo e bigode. Aumentaram os impostos sobre o que ganhamos e sobre o que compramos. Diminuíram os recursos da cultura que consumimos e trabalhamos. Tornaram mais caras as nossas férias. Aumentaram o preço do que compramos. Reduziram os recursos para pós-graduação. Vão mandar muitos de nós pro olho da rua. Cortaram na carne. Mas na nossa carne. Cortaram no emprego, no consumo, no imposto, no lazer, na cultura e na educação. Não faltou nada."

A concordância, novamente, foi geral. "A conta ficou para a classe média. Mais uma vez. Não podiam ter acertado um dardozinho que fosse no capital? E agora, qual a solução?"

A resposta veio em coro: "Que tal um Proer-classe média? Afinal, somos todos filhos de Deus, sejam banqueiros, especuladores, empresários ou... classe média."

Segundos de silêncio e, por fim, a decisão unâime: "É, vamos para o Proer... ou pro inferno", cresceu outra vez o coro.